



ARQUITETURA VERNÁCULA E MEMÓRIA: ABORDAGEM METODOLÓGICA PARA INVESTIGAÇÃO

SANTOS, Maxiliano (1); REZENDE, Marco Antônio (2); CABRAL, Mariana (3)

1. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. PUC Minas. Departamento de Engenharia Civil.
maxperdigao@pucminas.br
2. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.
marco.penido.rezende@hotmail.com
3. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Antropologia e Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Museu de História Natural e Jardim Botânico.
nanacabral75@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta como os aspectos teóricos do estudo da arquitetura vernácula podem dialogar com outras áreas do conhecimento das ciências sociais e como pesquisadores de áreas como a antropologia, a sociologia e a arqueologia trabalham e interagem com comunidades tradicionais. A partir deste entendimento, busca-se estabelecer uma metodologia interdisciplinar de trabalho com vista a uma análise mais abrangente sobre a arquitetura vernácula. Desta forma, espera-se que modos tradicionais de construção possam ser conhecidos a partir de elementos que vão além das suas edificações e das técnicas de construção trabalhadas. Com base na literatura estudada, pode-se dizer que é possível estabelecer uma relação estreita entre os conceitos da arquitetura vernácula com os métodos de trabalho das áreas do conhecimento citadas, de modo que possa ser desenvolvida uma metodologia interdisciplinar de trabalho que proporcione um estudo mais aprofundado que poderá contribuir para o melhor entendimento acerca da relação das comunidades com os seus saberes construtivos tradicionais.

Palavras-chave: arquitetura vernácula; saberes locais; metodologia interdisciplinar; comunidades tradicionais; coletivos humanos.

Abstract

This paper establishes how the theoretical aspects of vernacular architecture studies can dialogue with other areas of social sciences such as anthropology, sociology and archeology; and how researchers from those areas work with traditional communities. From this understanding, we seek to establish an interdisciplinary work methodology for a more comprehensive analysis of vernacular architecture. For this purpose, it is expected that traditional methods of construction can be known from an holistic approach with elements other than buildings and construction techniques. Based on the studied literature, it can be said that it is possible to establish a conversation between the vernacular architecture concepts with the working methods of the aforementioned areas of knowledge. This way, an interdisciplinary work methodology can be developed to provide a in-depth study that can contribute to a better understanding of the connections of communities with their traditional constructive knowledge.

Keywords: vernacular architecture; traditional know-how; interdisciplinary methodology; traditional communities; human groups.

INTRODUÇÃO

O estudo dos conceitos do vernáculo na arquitetura chama a atenção para valores que vão além do produto arquitetônico em si – pois se existe uma arquitetura vernácula, existe também uma tecnologia vernácula e esta tecnologia foi e ainda é desenvolvida por alguém. Este questionamento nos leva a pensar sobre como este desenvolvimento acontece(u), como esta tecnologia está hoje, quem a utiliza em nossos dias e por que e como a utiliza. Neste sentido, é necessário buscar uma abordagem mais holística e menos tecnicista sobre o tema. Segundo Memmott e Davidson (2008), para entender a edificação como uma manifestação humana é fundamental entender a cultura e o histórico da população em todos os seus períodos. Assim, torna-se necessário o entendimento sobre o modo de pensar fora da arquitetura – em campos do conhecimento como a sociologia, a antropologia e a arqueologia, acerca das questões culturais de comunidades tradicionais e como se dá a interação dos pesquisadores destas áreas com estas comunidades. Assim sendo, busca-se um processo metodológico chamado por Davidson (2009) e Hammond e Wellington (2013, p. 15) como *inductive bricolage*. Nesse tipo de abordagem, trabalhos que transitam na interface de diferentes campos devem trabalhar com a interdisciplinaridade sem privilegiar um método sobre outro, de modo que possam ser alcançadas informações estruturadas a partir de uma visão mais ampla da realidade. Além da abordagem interdisciplinar, o estabelecimento de um processo colaborativo com a população local é de fundamental importância na construção da narrativa sobre os processos que envolvem o seu modo tradicional de construir e de morar, algo que poderá ser contado por eles através das suas memórias, da sua prática cotidiana, da sua cultura e das suas tradições.

Sabedoria tradicional e a arquitetura vernácula

No mundo moderno a informação é algo que, para um grande número de pessoas, está disponível de forma quase instantânea pelos meios digitais ou bem próxima em algum tipo de documento, podendo este ser um livro, uma revista ou um filme. Este tipo de informação é acumulado ao longo da existência humana e, de certa forma, é sempre atualizado por meio de novas publicações e outros registros formais como os citados acima.

Existem também situações onde o saber, ao invés de catalogado em mídia, é catalogado na memória das pessoas, e transmitido entre as gerações através da

vivência, rituais e outros meios de expressão cultural que priorizam a oralidade como narrativa e meio de perpetuar e atualizar o saber e os costumes. Nestas sociedades ou grupos que não estão ligados diretamente com a cultura ocidental, ou mesmo aqueles que fazem parte desta sociedade, mas que estão imbuídos em outras culturas tradicionais, os modos de pensar ou agir perante o seu meio se dão de forma diferente das quais estamos habituados. Este fato nos permite dizer que estes modos estão errados por não se enquadrarem no pensamento ocidental?

Segundo Feyerabend (2010, p.11), estudos realizados por acadêmicos, representantes de culturas nativas e associações internacionais concluíram que existem diversas maneiras de viver, e que culturas diferentes da ocidental não estão erradas. Elas são fruto de uma relação diferente com o meio onde estão inseridas.

De acordo com Silva (2012), na literatura científica são comumente denominadas comunidades tradicionais os grupos cuja experiência individual e coletiva é transmitida oralmente e que este tipo de passagem de conhecimento recebe uma carga de significados uma vez que é passado por meio de um testemunho através das gerações. Segundo a autora, as memórias de um grupo social devem ser entendidas como um documento histórico com o mesmo valor de um documento escrito, pois apresentam outras versões da história.

Questões contemporâneas como a industrialização da construção, a transformação da mesma em produto e a criação de barreiras sociais, têm sido colocadas por autores como Glassie (1990), Oliver (1990) e Asquith e Vellinga (2006) como fatores que têm ocasionado a quebra da passagem de conhecimento entre as gerações de comunidades tradicionais.

Segundo Oliver (1997), a arquitetura vernácula é composta por habitações e demais edificações do povo. Elas estão relacionadas ao meio onde estão inseridas e aos materiais disponíveis, são construídas pelos próprios moradores ou pela comunidade utilizando tecnologia tradicional do local. São construídas com objetivos específicos para atender as demandas e o modo de vida de acordo com a cultura que as produz.

De acordo com o International Council on Monuments and Sites (1999):

O patrimônio vernáculo construído constitui a forma natural e tradicional pela qual as comunidades produzem suas habitações. É parte de um processo contínuo que inclui as necessárias modificações e adaptações

contínuas como resposta às necessidades sociais e ambientais. A continuidade desta tradição está mundialmente ameaçada pelas forças da homogeneização cultural e arquitetônica. A maneira como essas forças podem ser controladas é o problema fundamental que deve ser resolvido pelas diversas comunidades, assim como pelos governos, pelos planejadores e por grupos multidisciplinares de especialistas. (Tradução nossa).

Dada a diversidade da natureza humana, as possibilidades de expressão, da apropriação de espaços e das técnicas construtivas podem chegar a um sem-número de soluções. A arquitetura popular, segundo Weimer (2005), esteve por muito tempo à margem de estudos acadêmicos em detrimento da arquitetura erudita, fazendo com que seu entendimento e registro ficassem limitados a poucas publicações.

Para Glassie (1990), o estudo da arquitetura vernácula produz o conhecimento de que arquitetura é cultura, e que toda cultura é composta por diferentes tipos de valores, devendo os edifícios serem construídos de acordo com a cultura local, pois o que é bom para uma cultura não é necessariamente bom para outra.

Pérez Gil (2018) chama a atenção para que o estudo da arquitetura vernácula, que normalmente é baseado pelos seus aspectos formais e construtivos, vá além da sua expressão material. Segundo o autor, antes da obra arquitetônica enquanto matéria, é fundamental lembrar que ela deve ser entendida como um acervo repleto de significados provenientes do conhecimento humano. Através deste conhecimento é que poderemos entender um determinado grupo em seu contexto histórico juntamente com os significados sociais. E como os aspectos sociais e culturais não são estáticos, torna-se necessário uma revisão contínua sobre a percepção daquilo que envolve a arquitetura.

Neste contexto, o estudo dos saberes construtivos ancestrais que não foram registrados pela academia por não fazerem parte de um estilo ou vocabulário arquitetônico formal torna-se necessário, não apenas como uma forma de registro de um legado cultural, mas principalmente por haver comunidades tradicionais interessadas em compartilhar os entendimentos acerca dos seus valores culturais no uso de suas técnicas construtivas vernáculas. Além disso, levando em consideração as dinâmicas sociais contemporâneas, esse tipo de abordagem pode trazer um maior entendimento sobre como é o atual cenário do saber-fazer no campo da construção nessas comunidades e como se dão as relações com o seu passado.

Em áreas de estudo como a arqueologia, que usualmente é entendida como aquela que estuda os modos de vida do passado baseada em vestígios materiais, existe um confronto acerca dos dados coletados em campo: de um lado existem as evidências físicas – como vestígios de cerâmicas, fogueiras, dentre outros e, de outro lado, os dados provenientes da história oral – que é transmitida entre as gerações de grupos tradicionais. Nicholas e Markey (2014, p. 287) expõem que arqueólogos sempre se valeram de dados etnográficos para ajudar no entendimento de suas pesquisas, mas nunca tiveram facilidade em lidar com as histórias orais e o conhecimento tradicional das comunidades. Eles citam que, se por um lado o conhecimento tradicional é valorizado quando este corrobora com as evidências encontradas em campo pelo método arqueológico tradicional ocidental, por outro lado, em situação oposta – quando a sabedoria tradicional local questiona a posição tida como verdadeira pela arqueologia, sua utilidade é questionada.

Este tipo de postura nos leva a pensar sobre o relativismo discutido por Feyerabend (2010, p.16) quando ele discute a noção de objetividade. Segundo o autor, a produção científica alimenta um sistema de informações que cresce e, além de produzir conhecimento, cria noções de objetividade para legitimá-lo. Neste sentido, como o conhecimento tradicional local não faz parte do repertório acadêmico, na lógica ocidental, suas evidências não podem confrontá-lo. Segundo Feyerabend (2010, p. 27), “ao encontrar raças, culturas, costumes e pontos de vista pouco familiares, as pessoas reagem de várias maneiras”. Essas reações, segundo o autor, podem ir da surpresa e curiosidade ao desprezo e aversão, podendo chegar ao ódio. No caso inverso, onde a comunidade científica se apropria do conhecimento tradicional local, observa-se, ainda segundo Feyerabend (2010, p. 29-32), o relativismo prático sendo posto em ação benéfica ao *status quo*, no caso, científico, onde se pressupõe o intercâmbio de ideias, mas desde que elas atendam à cultura reguladora do discurso.

Mais recentemente, há vários contextos em que comunidades tradicionais assumem uma postura de questionamento do pensamento metodológico acadêmico acerca da sua cultura e propõem uma metodologia aberta, em conformidade com a sua maneira de perceber o mundo, sem necessariamente excluir os métodos acadêmicos (SMITH, 2018). Segundo Tara Million (2005), dentro da filosofia Aborígene a prática arqueológica envolve não apenas os achados físicos, ela torna-

se uma experiência na qual a arqueologia é o “*locus* de uma teia relacional que incorpora passado, presente e futuro, vivos e não-vivos, academia e comunidade, Aborígene e não-Aborígene” (MILLION, 2005, p. 39-40, tradução e grifo nosso). Dentro deste pensamento, a arqueologia Aborígene contrasta visões de mundo e incorpora suas relações múltiplas de modo que vários discursos possam coexistir sem que um se sobreponha ao outro. Algo que corrobora com Dinesen (1972, p. 54, *apud* FEYERABEND, 2010, p. 28) sobre sua experiência no Quênia acerca da abertura dos nativos à diversidade cultural em função do contato com pessoas de inúmeras nações que passaram por sua terra.

Se levarmos em consideração que um dos pilares do estudo da arquitetura vernácula está no agente e, principalmente, em como esse agente se relaciona com o meio territorial e social onde vive, e como isso reflete na sua relação com o ambiente construído, pode-se dizer que a incorporação de métodos de pesquisa de outras áreas do conhecimento ao campo da arquitetura vernácula, mais do que adequada, é necessária.

Perspectiva metodológica de trabalho

As primeiras experiências na forma como este trabalho está sendo conduzido, ainda que de forma intuitiva e em outro contexto, se assemelha a uma das abordagens da Grounded Theory apresentada por Glaser e Strauss (1967). Segundo os autores, a entrada no campo começa a revelar caminhos diversos que podem ser percorridos, isso no sentido de que a abertura ao desconhecido pode revelar questões que não haviam sido pensadas *a priori* para um objetivo inicial, mas que podem contribuir para novos desdobramentos e levar ao desenvolvimento de outros estudos.

É importante ressaltar que a presente proposta não será em sua essência uma pesquisa sociológica, antropológica ou arqueológica. Mas, uma pesquisa no campo da arquitetura vernácula em que, para aprimorar o seu desenvolvimento, tem incorporado elementos das áreas citadas a fim de que seus objetivos sejam atingidos, e para promover uma discussão sobre diferentes formas para abordar o objeto arquitetônico e os agentes envolvidos no saber-fazer desta arquitetura.

A incorporação de métodos de pesquisa de outras áreas ao trabalho se dá pelo fato de que um dos pilares do estudo da arquitetura vernácula está no agente na forma como esse agente interage com o meio territorial e social onde vive, e as

implicações dessa relação no ambiente construído. Segundo Memmott e Davidson (2008), para entender a edificação como uma manifestação humana é necessário entender a cultura e o histórico da população em todos os seus períodos.

Neste sentido, além de uma pesquisa documental e iconográfica, deve ser conduzida uma pesquisa qualitativa que englobe entrevistas com a população local e o acompanhamento das suas atividades cotidianas, uma experiência que se aproxima da observação participante, amplamente usada na antropologia. Assim, há a intenção de produzir relatos com inspiração etnográfica sobre esta experiência vivenciada em campo, que ajudem a construir reflexões sobre os processos de construção das edificações como parte da própria experiência de estar no mundo. É importante ressaltar que neste tipo de abordagem, caso haja necessidade, no decorrer da pesquisa outras técnicas podem ser incorporadas.

O uso das estratégias acima citadas será adotado no decorrer do desenvolvimento da relação com a comunidade, e será precedido de um estudo da bibliografia sobre o tema. Inicialmente, entende-se que o meio mais apropriado para entrar no campo será através da observação participante. Em meados da década de 30 e início da década de 40, William Foote Whyte desenvolveu uma pesquisa sociológica que resultou no livro *Sociedade de Esquina*, que hoje é visto como um dos mais importantes do século XX no campo das ciências sociais e que ainda é tratado como uma obra atual e de interesse interdisciplinar (VELHO, 2005). O trabalho de Whyte (2005) foi desenvolvido em Cornerville, uma região ao norte de Boston, EUA, habitada quase exclusivamente por imigrantes italianos. Seu objetivo era entender a estrutura organizacional da comunidade que, de fora, era vista pela sociedade local da época como uma área pobre, problemática, ligada ao mundo dos criminosos e desorganizada. Para o autor, a única maneira de entender Cornerville seria viver no local e participar das atividades da comunidade, algo que ele fez de forma intensa.

Diferente da abordagem de Whyte (2005), que morou por quatro anos na comunidade por ele estudada, este trabalho será feito por meio de visitas esporádicas. Em princípio, em função da limitação de tempo imposta por questões pessoais e profissionais, os maiores períodos de permanência no campo devem ficar próximos de quinze dias e acontecerão durante os períodos de férias e os feriados prolongados. Com uma frequência maior, espera-se que bimensal, devem acontecer visitas mais curtas, por períodos de dois a três dias. Mas, conforme é

descrito por Whyte (2005, p. 286), a abordagem feita por ele é algo muito particular e não necessariamente deve ser seguida por outros pesquisadores. O mais importante é entender os seus passos e trazê-los para realidade que está sendo estudada.

O mote para a incursão da observação participante é baseado em trabalhos em conjunto com as comunidades no desenvolvimento de projetos de arquitetura por elas demandados. É importante ressaltar que o trabalho é desenvolvido em uma via de duas mãos, onde o pesquisador contribui efetivamente com a comunidade durante o seu processo de pesquisa, e não apenas na entrega de seus resultados após a sua finalização.

Durante o processo de construção coletiva dos projetos, ao serem trabalhadas as técnicas de levantamento de demandas para o programa arquitetônico, serão realizadas entrevistas semiestruturadas em grupo que poderão gerar discussões acerca dos interesses da comunidade. Durante este processo é esperado que surjam oportunidades que levem a posteriores entrevistas individuais ou com grupos menores, mais focadas nos assuntos do processo construtivo do ponto de vista técnico e histórico. Na outra vertente, as entrevistas em grupo associadas às discussões dos projetos tratariam de aspectos gerais da relação da comunidade com o ambiente construído e a sua interação com o território.

Além das rodadas para definição dos projetos, o momento da construção das edificações, que é tradicionalmente feito em mutirão, será outra oportunidade para observação participante mais intensa, desta vez ligada diretamente aos moradores que detêm a sabedoria da técnica construtiva tradicional. Nesta ocasião espera-se verificar a relação entre os mestres construtores, os construtores mais jovens e os noviços, que estão iniciando seu aprendizado na cultura construtiva da comunidade.

Ademais, as visitas mais curtas e com maior frequência colaborarão para inserção no convívio social das comunidades. Entende-se que nestes momentos iniciais seja essencial o acompanhamento de lideranças comunitárias para que portas sejam abertas junto a moradores a fim de se estabelecer uma relação mais próxima.

A observação participante será importante também para auxiliar no levantamento de outros tipos de dados que podem enriquecer a análise acerca das comunidades. Becker (2007) discute como ampliar as interpretações analíticas que outras áreas como o cinema, a fotografia, a dramaturgia, os romances e documentários podem

oferecer na representação do social. Para ele, não existe uma forma mais adequada de fazer essa representação, tudo vai depender de contextos e do tipo de trabalho a ser desenvolvido. Nesse sentido, o levantamento de outros dados, como fotografias de família, documentários ou reportagens sobre as comunidades, poderá ser mais abrangente na medida em que o relacionamento for construído ao longo do tempo.

O desenvolvimento de um trabalho que envolve o entendimento de tradições e patrimônio construído, principalmente em um sítio onde os exemplares construídos com as técnicas tradicionais são poucos, com certeza será beneficiado com informações iconográficas. Quando se trata de comunidades tradicionais em zona rural, e que normalmente ao longo de sua história foram marginalizadas pela sociedade, é esperado que este tipo de material não seja abundante. O que torna o seu achado algo ainda mais importante do ponto de vista documental.

Essa etapa da pesquisa estará diretamente ligada ao sucesso da aproximação que poderá ser obtida junto às comunidades, pois o acervo fotográfico e/ou artístico – caso existam pinturas ou desenhos, será pertencente ao acervo pessoal dos moradores e dependerá do seu consentimento para ser utilizado.

Ainda que existam moradores anciãos que dominam as técnicas construtivas por terem trabalhado e vivenciado a sua utilização, os dados iconográficos poderão trazer aspectos relevantes que podem estar ausentes na memória dos moradores. Além do acervo pessoal da população local, é imprescindível a pesquisa de material em instituições governamentais e não governamentais, ou de pesquisa social que ao longo do tempo possam ter passado pelas comunidades. O levantamento sobre as possíveis instituições pode ser feito inicialmente nas próprias comunidades, que poderão indicar os agentes que já passaram por lá.

Becker (2007) não cita a apropriação de fotografias ordinárias como material de pesquisa social, mas de acordo com o autor, o material levantado adquire um significado a partir da maneira de que ele será interpretado para um determinado fim. Neste sentido, embora não se espere que o material iconográfico tenha sido produzido necessariamente com a finalidade de um trabalho da sociologia visual, ele servirá como um referencial histórico e como suporte aos dados coletados na observação participante.

No sentido inverso do levantamento de material iconográfico, cabe o registro fotográfico da pesquisa dentro dos conceitos da sociologia social – sem necessariamente renunciar ao levantamento iconográfico. O registro fotográfico dos processos de construção da transferência de conhecimento pode trazer novos elementos que vão além do registro meramente ilustrativo.

Os diversos contextos que abarcam a arquitetura vernácula podem oferecer uma narrativa rica acerca de um novo tipo de organização social que acontece nestas comunidades em torno de sua tradição construtiva – algo que vai muito além do registro de uma edificação seja ela antiga ou recém-construída, ainda que com as técnicas ancestrais. Haverá neste caso a oportunidade de acompanhar os acontecimentos *in loco* e a análise visual do processo desde o momento do aprendizado e das relações entre os jovens e os anciãos, até a materialização do produto do ensinamento, permeando contextos que só são possíveis de serem registrados devido ao acesso a determinadas situações e ao respeito que se constrói durante a interação. Esse tipo de situação é contextualizado por Becker (2007) ao citar em seu livro o trabalho do fotógrafo Douglas Harper, que acompanhou de perto o dia a dia de moradores de rua como um trabalho de sociologia visual. Segundo o autor, Harper foi bem-sucedido em seu trabalho, dentre outras coisas, pela aproximação e intimidade necessária com as pessoas, algo que é conquistado com o tempo de convivência. Ainda segundo o autor, esse tipo de relação dificilmente seria possível em um trabalho rápido, como comumente acontece em tarefas executadas, por exemplo, com foco jornalístico.

Ferro (2005, p. 381) avança nas questões expostas por Becker ao falar que “antes de fotografar a realidade social no âmbito de uma pesquisa, é fundamental compreender o papel da teoria em todo o processo investigativo [...]”, e recomenda que sejam percorridas as etapas tradicionais de uma pesquisa como: ter em mente a pergunta de partida, definir o objeto de estudo, problematizar os aspectos teóricos e formas de análise. A autora chama atenção para o fato de que “O(a) investigador(a) é também um *actor* social o que, só por si, implica a assunção dos valores, normas e experiências que transporta consigo e que não deixam de influenciar a sua pesquisa” (Ibidem, p. 381, grifo nosso).

Afora as formas clássicas de abordagem utilizadas em estudos acadêmicos, há outras maneiras de ver o mundo que são utilizadas e que podem trazer reflexões

diferentes para o fazer científico. Dentro de uma abordagem mais holística, o conceito da arqueologia Aborígine (MILLION, 2005) apresenta uma nova perspectiva sobre a possibilidade de se fazer algo diferente do que é feito de forma sistemática na academia, sem que o trabalho deixe de pertencer ao seu campo de estudo original. É importante ressaltar que ao introduzir elementos de outras áreas acadêmicas ao trabalho ele se mantém no pensamento acadêmico, algo que está longe de ser um pensamento aborígine como o proposto por Million (2005). No entanto há que se entender que a aproximação com outras áreas acadêmicas abre a possibilidade para novas reflexões que podem trilhar caminhos para outros conhecimentos que não estão necessariamente dentro da academia. Algo que pode resultar na introdução de pensamentos que são próprios da população de comunidades tradicionais acerca de suas percepções sobre os conceitos da arquitetura vernácula.

Vejamos a seguir como este conceito é trabalhado por Million (2005, p.46): para se fazer arqueologia Aborígine não é necessário ter descendência aborígine, pois ela é autodefinida e inclusiva, podendo ser praticada por indivíduos com formação formal ou não, pois o que importa na inclusão é a possibilidade de multiplicidade. Neste sentido, pode-se entender que mesmo não sendo um local, é possível trabalhar questões que são próprias das comunidades com a devida abertura para perceber (através dos depoimentos, conversas, práticas e ações) como o saber-fazer acontece no dia a dia desta população e em que medida e por quais caminhos ele está enraizado na sua cultura. Neste caso, caberia então o desafio de estabelecer uma relação entre o que seria e qual o significado da construção tradicional para estas pessoas e os conceitos da arquitetura vernácula.

Normalmente, os momentos iniciais do trabalho de campo se conformam por conversas com as lideranças comunitárias, onde se busca uma relação dialógica. É necessário que haja um interesse mútuo entre as partes para que o grupo entenda os objetivos da pesquisa e para que o pesquisador entenda os objetivos das comunidades. Comparado com um dos exemplos dados por Marshall (2002, p. 214) ao citar Faulkner (2000), pode-se dizer que o trabalho deve caminhar ao que é denominado como *“archaeology from below”*, conceito onde o

[...] trabalho de campo é preso à comunidade, aberto a contribuições voluntárias, organizado de maneira não exclusiva, sem um modo hierárquico e dedicado a uma agenda de pesquisa em que material,

métodos e interpretações são abertas à interação (FAULKNER, 2000, p. 22, tradução nossa).

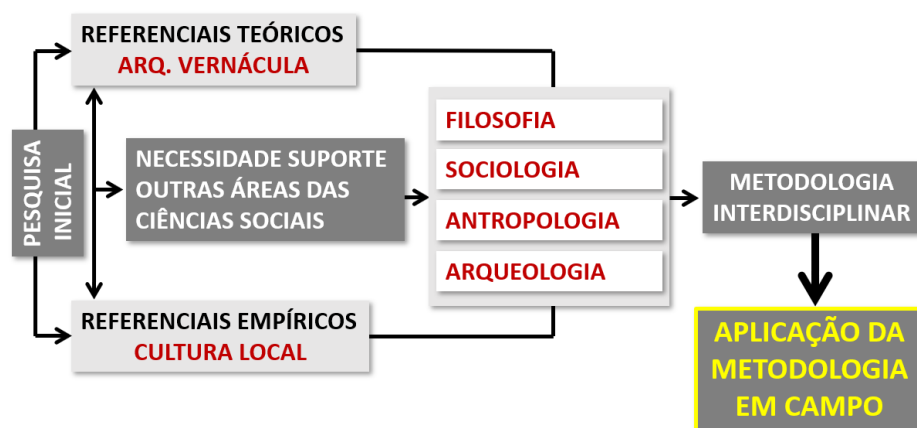
A busca pelo entendimento de outras áreas do conhecimento amplia as possibilidades de pesquisa, não apenas no sentido de visão geral, mas principalmente na possibilidade de aprofundar em temas que antes poderiam passar despercebidos ou tratados de forma superficial e sem o devido embasamento teórico. Como colocado por Feyerabend (2010, p. 37-38), o respeito por toda a existência humana faz emergir novas possibilidades de conhecimento, antes tidas como primitivas ou arcaicas, e coloca a ciência ortodoxa como uma das possibilidades dentre os vários grupos que possuem um acervo de informações consistentes, podendo os demais grupos serem portadores de dados mais realistas acerca do mundo moderno do que a própria ciência ortodoxa.

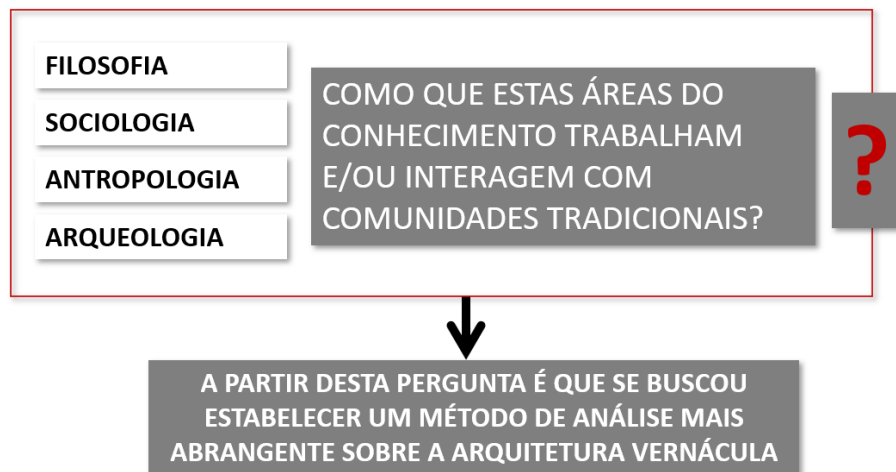
Aspectos iniciais da estruturação metodológica

De acordo com Davidson (2009), trabalhos que transitam na interface de diferentes campos – no caso deste, a arquitetura, a sociologia e a antropologia, devem trabalhar com a interdisciplinaridade sem privilegiar um método sobre outro.

Na Figura 1 é apresentado o fluxograma do processo de trabalho que motivou a busca por uma abordagem mais abrangente para o estudo da arquitetura e técnica vernáculas em comunidades tradicionais.

Figura 1 – Fluxograma do processo de pesquisa





Fonte: elaborado pelos autores.

Embora não seja citado por Davidson (2009), o processo metodológico por ele apresentado como *inductive bricolage* é descrito por Hammond e Wellington (2013, p. 15) como um processo de pesquisa flexível que caminha entre disciplinas diferentes, usando métodos, técnicas e ferramentas disponíveis para construir o significado dos dados a partir da observação, reflexão e avaliação. Este processo apresenta os princípios da Teoria Fundamentada formulados por Glaser e Strauss (1967). Segundo Charmaz (2009, p. 239), o princípio da Teoria Fundamentada deve ser visto como algo diferente da aplicação de procedimentos, mas como o resultado de processos que acontecem por meio da interação, onde os resultados são construídos pelo pesquisador baseados nos contextos das interações, sejam elas testemunhadas ou vivenciadas.

Charmaz (2009) ainda ressalta que o processo de pesquisa neste caso é fluido, se vale da interação e não possui restrições; as opções metodológicas para coleta de dados são feitas a partir dos problemas levantados da pesquisa; o pesquisador não é alheio à pesquisa, mas é parte dela; a análise dos levantamentos pode levar a vários métodos de coletas de dados, assim como à realização da investigação em locais diferentes.

O processo de trabalho que se propõe é inicialmente organizado em cinco etapas. No entanto, devido ao seu caráter interdisciplinar, e por se tratar de uma pesquisa em um ambiente que está passando por mudanças na forma como parte da população lida com as tradições do grupo, o trabalho requererá um processo não linear que poderá levar a adaptações e a sobreposição de etapas na medida em que for desenvolvido.

A primeira etapa do trabalho contemplará a pesquisa e a análise bibliográfica acerca dos seguintes temas: a) conceitos, teorias e metodologias de abordagem da arquitetura vernácula; b) metodologias sobre tipos de levantamento de dados em campo e etnografia; c) métodos de análise qualitativa; d) aspectos da cultura das comunidades e seus meios de produção construtiva; e) o processo de transformação social destas comunidades tradicionais.

A segunda etapa da pesquisa é desenvolvida em campo junto às comunidades tradicionais e contempla os seguintes trabalhos: a) observação participante, entrevistas acerca dos costumes e histórico das comunidades e relatos com inspiração etnográfica; b) levantamento de registros fotográficos da própria comunidade e/ou sobre ela feito por terceiros; c) documentação das edificações através de croquis, registro fotográfico, localização dentro da comunidade e sua relação no espaço, assim como sua relação com os aspectos ambientais e sociais da comunidade.

Na terceira etapa do trabalho é feita a análise e compilação dos dados levantados em campo, respeitando os referenciais bibliográficos, com vista de que se possa chegar a uma identificação dos elementos constituintes da arquitetura e tecnologia vernáculas nestas comunidades.

Para quarta etapa está previsto fazer uma devolutiva do andamento do trabalho às pessoas que representam as comunidades a fim de que elas possam se manifestar em relação às suas percepções frente ao material que está sendo produzido sobre parte do seu cotidiano. Com isso, pretende-se verificar se há alguma assimetria que possa ser adequada ou se há outros pontos ou situações que poderiam ser melhor explorados.

Em uma quinta etapa se buscará sintetizar todos os passos desenvolvidos no levantamento de informações sobre a arquitetura e tecnologia vernáculas das comunidades com a intenção de que se possa estabelecer uma narrativa que auxilie na percepção dos elementos essenciais da arquitetura e tecnologia vernáculas, sobretudo, assegurando a narrativa das pessoas das comunidades sobre a maneira como o processo construtivo se deu e se dá atualmente, e o acervo cultural imbuído em sua feitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de Feyerabend (2010, p.37), onde

o conhecimento é uma mercadoria local destinada a satisfazer necessidades locais e a solucionar problemas também locais; ele pode ser modificado pelo que vem de fora, mas só após consultas prolongadas que incluam a opinião de todas as partes envolvidas,

espera-se entender o saber-fazer arquitetônico dessas comunidades como uma manifestação cultural, observando-o a uma distância que ultrapassa a dimensão da edificação, de forma a explorar o seu aspecto simbólico e o seu processo de materialização de modo que possam ser trazidos à tona processos construtivos e de transmissão de conhecimento que são pouco estudados. E para as comunidades, espera-se que o trabalho possa ser útil como um registro sistematizado dos processos que estão acontecendo em suas vidas e que possa ser usado como instrumento para as suas lutas.

REFERÊNCIAS

ASQUITH, L.; VELLINGA, M. **Vernacular Architecture in the 21st Century: Theory, Education and Practice**. New York: Taylor & Francis, 2006.

BECKER, H. S. **Falando da Sociedade. Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2009.

DAVIDSON, J. S. **Casas de paja: Maya houses architectures, traditions and transformations**. Tese (School of Architecture). Brisbane: The University of Queensland, 2009.

DINESEN, I. Out of Africa. New York, 1985 apud FEYERABEND, P. K. **Adeus à razão**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FAULKNER, N. Archaeology from below. *Public Archaeology*, v. 1, n. 1, p. 21-33, 2000. apud MARSHALL, Y. Community Archaeology. **World Archaeology**, v. 34, n. 2, p. 211-219, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0043824022000007062>. Acesso em: 09 abr. 2018.

FERRO, L. Ao encontro da sociologia visual. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. v.15, p. 373-398, 2005. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/issue/view/181>. Acesso em: 23 fev. 2021.

FEYERABEND, P. K. **Adeus à razão**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

GLASER, B.; STRAUSS, A. **The discovery of grounded theory. Strategies for qualitative research**. New Brunswick; London: Aldine Transaction, 2006.

GLASSIE, H. Architects, Vernacular Traditions, and society. **TDSR - Traditional Dwellings and Settlements Review**, Vol. 1, p. 9-21, 1990.

HAMMOND, M.; WELLINGTON, J. **Research methods: the key concepts**. London; New York: Routledge, 2013.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES. **Carta del Patrimonio Vernáculo Construido (1999)**. Ratificada por la 12ª Asamblea General en México. México, 1999.

MARSHALL, Y. What is community archaeology? **World Archaeology** Vol. 34(2): 211–219, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0043824022000007062>. Acesso em: 09 abr. 2018.

MEMMOTT, P.; DAVIDSON, J. Exploring a Cross-Cultural Theory of Architecture. **TDSR - Traditional Dwellings and Settlements Review**. v. XIX, No II. Spring, 2008.

MILLION, T. Developing an Aboriginal archaeology: receiving gifts from the White Buffalo Calf Woman. In: SMITH, C.; WOBST, M. H. (Ed.). **Indigenous Archaeologies**: Decolonizing theory and practice. Abingdon; New York: Routledge. p. 39-51, 2005.

NICHOLAS, G.; MARKEY, N. Traditional knowledge, archaeological evidence, and other ways of knowing. In: CHAPMAN, R.; WYLIE, A. (Ed.). **Material Evidence**: Learning from archaeological practice. London; New York: Routledge. p. 287-307, 2014.

OLIVER, P. Vernacular Know-how. In: TURAN, M. (Ed.). **Vernacular architecture**: paradigms of environmental response. Brookfield, USA: Avebury, 1990.

OLIVER, P. (ed). **Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PÉREZ GIL, J. Un marco teórico y metodológico para la arquitectura vernácula. **Ciudades**, n. 21, p. 1-28, maio 2018.

SILVA, S. R. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. **XII Coloquio Internacional de Geocrítica**. Bogotá, 2012.

SMITH, L. T. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

VELHO, G. O observador participante. In: WHYTE, W. F. **Sociedade de Esquina**. Apresentação à edição brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

WEIMER, G. **Arquitetura Popular Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WHYTE, W. F. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.